

## Olhar Respeitoso

O GLOBO, 18 / 11 / 2001  
Por Márcio Moreira Alves

*Contei ontem um pouco do trabalho de superação da segregação digital que Rodrigo Baggio e seus companheiros dos centros de democratização da informática fazem. Referi-me às escolas para loucos no Instituto Pinel e à da penitenciária Frei Caneca, onde os presos dão aulas às próprias famílias. Esqueci de me referir à escola da aldeia guarani de Porto Bracuhy, em Angra dos Reis.*

Garantir aos índios a educação diferenciaria que a Constituição lhes assegura é uma tarefa duplamente difícil: os brancos tem de respeitar o saber indígena, acumulado através dos séculos, e depois, formalizá-lo por meio da escrita, para que possa ser aproveitado pelas turmas seguintes. É indispensável que sobre a sua sapiência se lance um olhar respeitoso, o que é raro entre professores brancos, convencidos da superioridade do que aprenderam nas matrizes linguísticas e científicas européias.

Recebi esta semana um relatório da segunda visita do professor Maurice Bazin a uma comunidade de Índios tuiucas, no Rio Tiquiê, afluente do Rio Negro, onde ficou alguns dias, ensinando e aprendendo. Maurice tem impecáveis credenciais acadêmicas. Foi o primeiro aluno da sua turma na duríssima École Polytechnique de Paris, que forma a elite científica francesa desde que foi fundada por Napoleão, e fez o seu doutorado em física nuclear na Universidade de Stanford, na Califórnia. Foi, durante anos, diretor do Teachers Institute do Exporatoriurn de São Francisco, onde treinava professores das muitas minorias existentes no estado. Não se intimida, portanto, tom a arrogância de professores que desdenham o saber indígena tradicional. Em geral, os que têm essa atitude são os mais mediocres e os que desistiram de aprender mais, não tendo, portanto, titularidades. São, claro, a maioria.

Uma exceção brilhante é o linguista Gilvan de Oliveira, fundador da ONG Instituto de Política Linguística, autor de "Terra das línguas", que trata das línguas de 12 nações do Alto Rio Negro. Transcreve as histórias e mitos tal como os índios as escreveram, com as suas peculiares formas de usarem o alfabeto latino e sem acentos. Índio não precisa de acento, explica, porque reconhece as palavras e sabe pronunciá-las. É como os americanos, que simplificam a ortografia Inglesa e não precisam de ajudas visuais para pronunciar as palavras que terminam em ough.

Maurice levou dois dias de avião para ir de Florianópolis, onde vive até São Gabriel da Cachoeira, onde o instituto Sócio ambiental que o convidou tem um escritório. Lá, embarcou numa voadeira, barquinho de alumínio com motor de popa, em companhia da antropóloga Flora Calbazar, que fala a língua tuiuca. Levaram três dias rio acima, até chegarem A comunidade tuiuca onde fica a Escola Poani.

Foi uma sorte. No caminho, Maurice examinou os cadernos dos alunos da 4ª série do ano anterior, que tiveram como um dos exercícios pesquisar com as mulheres da tribo o plantio de mandioca. Constatou que a primeira mulher referia-se a 16 variedades diferentes de mandioca e a segunda a 12 outras. A terceira mulher faiava de uma mistura das espécies das duas primeiras e de outra, que chamava de nova mandioca. Ao interrogar as mulheres, constatou que as duas primeiras optavam por espécies diferentes porque as suas roças eram vizinhas e a diferença de espécies permitia que demarcassem precisamente o que era de quem. A terceira tinha uma roça longe das outras, logo não precisava variar as espécies..

A nova mandioca brotara espontaneamente numa velha roça, abandonada depois de duas queimadas. Passara, portanto, pelo teste da sobrevivência do mais forte, um dos dois pilares da teoria da evolução das espécies. O outro pilar é o da seleção natural. A índia se encarregara de fazê-lo, só guardando os indivíduos que produziam bulbos maiores. Diz Maurice: - Esses Índios já conheciam a evolução das espécies e a seleção natural centenas de anos antes das publicações de Alfred Wallace e Charles Darwin. Aliás, Wallace esteve pelo Alto Rio Negro e os seus cadernos de observações só agora foram publicados.

A atitude correta de cada professor e de cada formador de professores indígenas é convencer-se, pela prática de uma pesquisa coletiva em cada comunidade, que existe uma riqueza própria em cada indivíduo e em todo povo indígena nos domínios da matemática e da ciência. Cada povo, cada civilização, criou Sua própria maneira de contar de fazer medições de distância, áreas, volumes, de produzir superfícies e volumes a partir de fibras entrelaçadas de maneira muito bem definidas e classificáveis. Os maias utilizavam o zero 700 anos antes dos europeus e o livro de astronomia que nos deixaram permite prever OS eclipses do sol e da lua com grande exatidão até hoje.

O olhar de respeito serve para entender e ajudar os índios e a nós mesmos.